O presente volume trata da sabedoria: nas mulheres sábias da Bíblia e da sabedoria personificada numa mulher: «dona (ou senhora) Sabedoria» (no original alemão, *Frau Weisheit*; na tradução francesa, «*dame Sagesse*». Completa assim a trilogia que corresponde à visão tripartida da Bíblia hebraica: sua estruturação pela Lei, sua actualização profética nas situações da história e sua aplicação prática nas situações concretas.

O papel desempenhado pelas mulheres como figuras da sabedoria é de índole plurifacetada. Isso permitiu a Irmtraud Fischer dividir o seu estudo em seis capítulos. No primeiro, de carácter genérico e introdutório, procede a uma aproximação da literatura sapiencial sob o aspecto dos géneros, tendo em conta o contexto patriarcal e vendo na sabedoria uma espécie de malha que religa todas as partes do cânone bíblico. O segundo capítulo é dedicado às mulheres dotadas de sabedoria: Abigail, a profetisa; a mulher avisada de Téqoa, ou a diplomata; a mulher Sábia de Abel-Bet-Maaka, a pacificadora; as mulheres e homens sábios nos relatos sobre David; a rainha de Sabá ou o carácter internacional da sabedoria. O terceiro capítulo agrupa mulheres que foram conselheiras e educadoras: Judite, Débora, mestra da Torah; a mulher de Job; rainhas mães, conselheiras do governo; e também más conselheiras: Atália, Zéresh, Jesabel. O capítulo quarto analisa a função educadora das mulheres no livro dos Provérbios: ensino da Torah pela mãe de família; educação do príncipe herdeiro pela rainha mãe (com particular referência à rainha de Massa). O capítulo V incide sobre a sabedoria personificada na Bíblia («dona Sabedoria»), com particular atenção à exaltação da feminilidade de Deus, ao discurso inaugural da «dona Sabedoria» (Prov 1, 20-33), à sua criação antes do tempo e seu carácter de criatura primeira na criação, ao convite para habitar na casa da Sabedoria (que não na da «dona Loucura»), à sabedoria como orientadora na interpretação da Torah (Sira, Baruch…). O sexto e último capítulo, em modo de conclusão, considerando a sabedoria como fenómeno bíblico não marginal, retomando a reflexão sobre o papel das mulheres sábias e acrescentando-lhe a dos homens sábios, termina com um alerta para a necessidade de lutarmos por um ideal de sabedoria, hoje grandemente menosprezado, com graves incidências na interpretação da Bíblia (especial alusão aos fanatismos) e na orientação dos caminhos da vida social.

Luís Salgado

Muñoz León, Domingo, **Cartas de Juan**, col. «Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén», Desclée de Brouwer (www.edesclee.com), Bilbao, 2010, 234 p., 210 x 150, ISBN 978-84-330-2443-5.

Domingo Muñoz, sacerdote da Diocese de Jaén, foi professor de Sagrada Escritura na Faculdade de Teologia de Granada e membro do Conselho Superior de Investigações Científicas na especialidade de Targum e Novo Testamento, membro da Pontifícia Comissão Bíblica e professor convidado das Faculdades de Teologia de Comillas e San Dámaso. A sua familiaridade com os escritos de S. João decorre quer da sua actividade docente quer do exercício pastoral, mormente na pregação de retiros. Está, por isso, bem preparado para escrever uma introdução e uma série de comentários às Cartas dirigidas pelo Discípulo Amado à sua comunidade, utilizando uma forma de exposição que sirva, não tanto aos eruditos estudiosos da Bíblia,

como ao povo cristão que dela carece de se alimentar, sabendo-a ler devidamente. É, de resto, a forma comum aos livros desta colecção de comentários à Nova Bíblia de Jerusalém, da Desclée de Brouwer, de Bilbao. Domingo Muñoz dá por supostos os estudos de grande fôlego, com intenção e preocupação de cientificidade e destinados a especialistas, como foram os realizados por R. E. Brown, H.-J. Klauck, M. Morgen ou I. De la Potterie. Mas, pelas razões indicadas, segue outro estilo.

No seu modo de ver, a melhor referência para a interpretação e compreensão das Cartas de João é a da tradição, enraizada no testemunho do Apóstolo, a que acrescem a insistente referência aos demais escritos do mesmo, o recto uso do método de análise histórico-crítico e outros métodos de análise e interpretação bíblicas.

Num Proémio geral, D. Muñoz faz a apresentação da comunidade joanina, como escola de cristianismo, com as suas marcas próprias: grupo de discípulos à sombra de João, vivendo na fé em Jesus Filho de Deus, na caridade fraterna e na esperança na Vida Eterna, alimentando-se da Palavra e do Sacramento, e sendo uma comunidade testemunhal. Ainda no mesmo Proémio, refere as preocupações do que se chama a Escola de João, a sua actividade literária, litúrgico-homilética e catequética; a língua, o estilo e a biblioteca da mesma Escola; Éfeso como centro de convergências múltiplas dessa Escola; a crise religiosa na Ásia Menor; e a comunidade de João no conjunto da grande Igreja.

Segue-se a exposição sobre cada uma das cartas, com mais demora, naturalmente, na Primeira. Cada uma é objecto de uma introdução apropriada e do respectivo comentário. No que à Primeira Carta se refere, na introdução, faz a distinção entre a sua estrutura de superfície e a sua estrutura profunda; estuda o género e as formas (e fórmulas) literárias, a teologia da Carta, a sua canonicidade e recepção na Igreja e o seu emprego na liturgia. As duas restantes, além do comentário, são igualmente objecto de uma introdução, com apresentação de aspectos vários, mormente a respectiva teologia.

Como é típico desta colecção, trata-se de um livro que pode ser de grande utilidade não só para o povo de Deus mas também para os que se iniciam nos estudos bíblicos, em curso superiores de Teologia ou de Ciências Religiosas.

Jorge Coutinho

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

Benoît XVI, **Les grands maîtres spirituels du Moyen-Âge**, Lethielleux (Groupe Parole et Silence), Paris, 2010, 170 p., 210 x 140, ISBN 978-2-24962-036-2.

Neste livro se colige uma série de «catequeses» de Bento XVI, proferidas nas audiências gerais das quartas-feiras. Para quem acompanha a actividade do Papa, é sabido que ele dedicou largas semanas à rememoração das grandes figuras da Patrística e da Escolástica – da grande tradição teológica (e filosófica) da Igreja, portanto – com um olhar voltado para o passado e outro atento ao presente, procurando extrair daquelas figuras lições para o nosso tempo.

A série aqui apresentada não abrange todos os Padres recordados por Bento XVI naquelas «catequeses». Outros poderão constituir matéria preciosa para um outro volume. Até porque neles se incluem as figuras maiores, que o Papa teólogo não deixou, naturalmente, de fora (Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, São Bo-